



A REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO:
REESTRUTURAÇÃO, RE-ESPACIALIZAÇÃO E NOVAS FUNÇÕES
Clélio Campolina Diniz
Bernardo Palhares Campolina Diniz

A REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO: REESTRUTURAÇÃO, RE-ESPACIALIZAÇÃO E NOVAS FUNÇÕES

Clélio Campolina Diniz*

Bernardo Palhares Campolina Diniz**

1. O CRESCIMENTO ECONÔMICO E DEMOGRÁFICO DIFERENCIADO DAS PRINCIPAIS REGIÕES METROPOLITANAS BRASILEIRAS¹

A partir da década de 1970, a região metropolitana de São Paulo (RMSP) começou a perder posição relativa tanto na produção industrial quanto no PIB nacionais. Esse desempenho foi fortemente influenciado pelo menor crescimento relativo da indústria de transformação, com queda da participação da RMSP na produção industrial do país de 44% em 1970 para 23% em 2002 (IBGE, 1970; 2002).

Em termos da economia brasileira, observa-se que a década de 1970 foi um período de crescimento acelerado. Nesse sentido, a queda de participação relativa das regiões metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro foi compensada pelo crescimento da participação relativa da produção industrial do resto do país, excluídas as demais regiões metropolitanas (tabela 1). No entanto, mesmo perdendo posição relativa, a indústria da RMSP teve sua ocupação duplicada, subindo de 1 para 2

1. Para efeitos deste trabalho, são consideradas apenas as nove regiões metropolitanas tradicionais por serem as mais representativas. Não estão, portanto, incluídas as novas regiões metropolitanas criadas pelos Estados Federados, nos termos da nova legislação.

* Professor do CEDEPLAR/UFMG e Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG.

** Economista, mestrando em Geografia Humana pela FFLCH/USP.

milhões de trabalhadores ocupados entre 1970 e 1980 e manteve taxas de crescimento demográfico de 4,5% ao ano, na década de 1970, inferior somente às taxas de crescimento das regiões metropolitanas de Belo Horizonte e Curitiba.

A perda relativa decorreu da reversão da polarização industrial da RMSP, conjugada com a expansão industrial das outras regiões industriais do país, tanto da maioria das outras regiões metropolitanas quanto das cidades médias, como apontam Diniz (1993), Diniz e Crocco (1996) e Andrade e Serra (1998).

TABELA 1
Regiões metropolitanas: participação nas rendas total e industrial

Região	Renda total			Renda indústria de transformação		
	1981	1992	2002	1981	1992	2002
Belém	0,7	0,7	0,9	0,4	0,3	0,5
Fortaleza	1,2	1,3	1,5	0,9	1,1	1,2
Recife	1,8	1,7	1,8	1,4	1,1	1,0
Salvador	2,0	1,9	1,9	2,1	1,5	1,3
Belo Horizonte	3,0	3,0	3,2	2,9	3,0	3,3
Rio de Janeiro	13,0	10,8	9,2	11,7	7,5	5,6
São Paulo	20,1	17,1	16,6	36,5	30,0	23,3
Curitiba	1,8	1,9	2,4	1,7	2,0	2,6
Porto Alegre	3,5	3,3	3,3	3,4	3,7	4,0
Subtotal	47,3	41,8	40,8	61,1	50,2	42,9
Resto do Brasil	52,7	58,2	59,2	38,9	49,8	57,1
Brasil	100	100	100	100	100	100

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 1981, 1992 e 2002

Nas décadas seguintes, em função do aumento do desemprego e do melhor desempenho econômico de outras regiões, houve queda dos fluxos migratórios, reduzindo a taxa de crescimento demográfico da RMSP (tabela 2). Esse fato confirma a defasagem temporal entre a dinâmica econômica e os movimentos migratórios, os quais só se reduzem após a queda das oportunidades de emprego e, no caso da RMSP, com o aumento do desemprego.

Na década de 1990, a tendência de queda da participação da RMSP na renda seria atenuada em função das mudanças tecnológicas e organizacionais, da reestruturação produtiva, da concentração do setor financeiro e de serviços e da entrada de investimento estrangeiro. Esta reestruturação afetaria mais a economia do município de São Paulo, pelo fortalecimento de sua posição como centro de

TABELA 2

Regiões metropolitanas: população em 2000 e taxas médias anuais de crescimento

Regiões metropolitanas	População (em mil habitantes)	Taxas			
		1970s	1980s	1990s	1970-2000
São Paulo	17.879	4,5	1,9	1,6	2,1
Rio de Janeiro	10.894	2,4	1,0	1,2	1,2
Belo Horizonte	4.819	4,6	2,5	3,8	2,4
Porto Alegre	3.658	3,8	2,7	2,0	2,2
Recife	3.338	2,7	1,9	1,5	1,6
Salvador	3.022	4,4	3,2	2,1	2,6
Fortaleza	2.985	4,3	3,5	2,9	2,7
Curitiba	2.727	5,5	3,0	3,1	2,9
Belém	1.796	4,3	2,9	2,8	2,5
Brasil	169.799	2,5	1,9	1,6	1,5

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 1970, 1980, 1991 e 2000; cálculos dos autores

comando da economia nacional e de seu papel na articulação com a economia mundial. Houve expansão das atividades comerciais e de serviços, permitindo a geração de emprego e renda, que contrabalançariam as perdas do setor industrial.

Dados formais de emprego, apurados pela RAIS (Relação Anual das Informações Sociais) para o período 1985-2000², mostram que a RMSP perdeu 572 mil empregos no setor industrial, compensados pelo ganho de 942 mil empregos nas demais atividades levando a um resultado positivo de 370 mil empregos. Entretanto, a análise do emprego formal não reflete de forma adequada as transformações estruturais e a precarização do mercado de trabalho. Os dados de ocupação apurados pelos Censos Demográficos são mais consistentes, pois envolvem a economia formal e a informal. Enquanto no período 1985-2000 a RMSP teve um aumento absoluto de 370 mil empregos formais, segundo dados do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego)/RAIS, os Censos Demográficos mostram que, entre 1980 e 1991, houve um aumento de 1,125 milhões de ocupações e, entre 1991 e 2000, outras 544 mil, perfazendo um acréscimo total de 1,669 milhões de ocupados. Isto indica que, embora grave, a crise econômica na RMSP não teve a dimensão sugerida pela queda no emprego formal, apontando para os limites da hipótese de desindustrialização, que será discutida adiante.

Pode-se concluir que no Brasil tem ocorrido uma ampliação da importância demográfica e econômica de uma rede de metrópoles, coerente com a dimensão geográfica do país e com o processo de desconcentração relativa e de crescimento das economias regionais. A despeito disso, São Paulo mantém sua função de cidade primaz do Brasil, mudando suas funções e ampliando seu papel como o grande centro articulador da economia nacional e principal pólo de integração com a economia mundial.

2 Os dados anuais de emprego só começaram a ser apurados a partir de 1985.

2. REESTRUTURAÇÃO DA RMSP

2.1 - Regionalização da RMSP

Tendo-se em vista a grande dimensão econômica, populacional e geográfica da RMSP, decidiu-se pela sua regionalização, com o propósito de analisar o desempenho diferenciado das sub-regiões e setores e de suas possíveis tendências (quadro 1 e mapa 1)³.

QUADRO 1

Regionalização da RMSP: municípios que compõem as sub-regiões

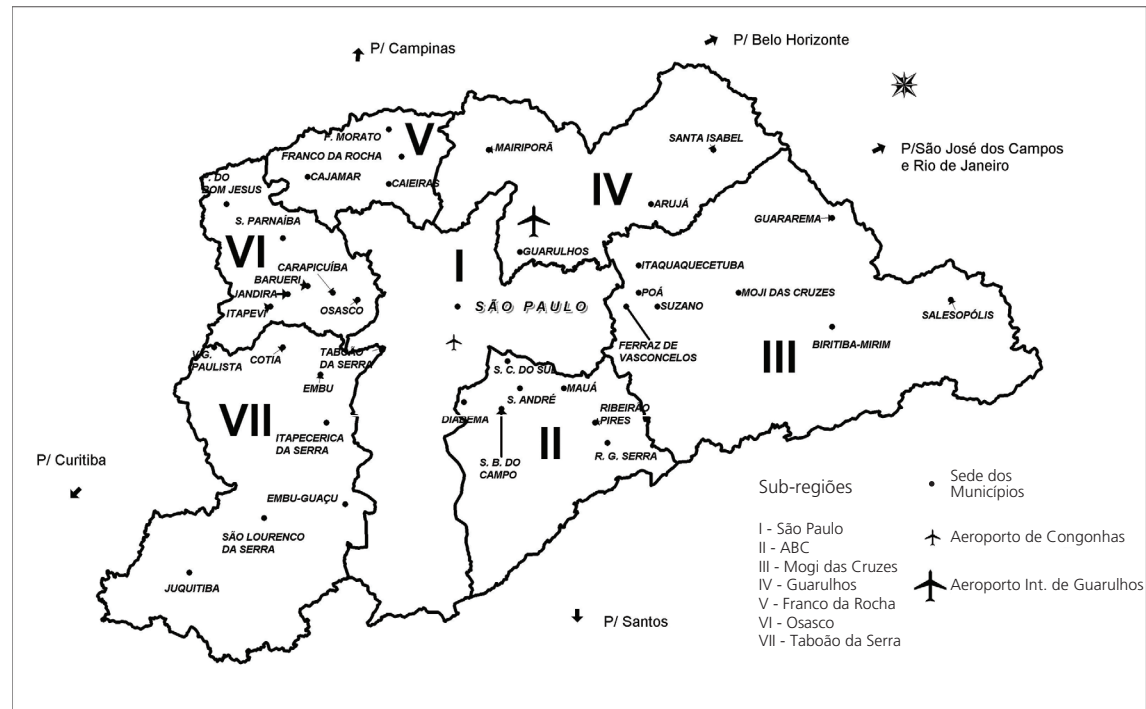
I – São Paulo	II – ABC	III - Moji das Cruzes	IV – Guarulhos
São Paulo	São Bernardo do Campo Santo André Mauá Diadema São Caetano do Sul Ribeirão Pires Rio Grande da Serra	Moji das Cruzes Itaquaquecetuba Suzano Ferraz de Vasconcelos Poá Biritiba-Mirim Guararema	Guarulhos Mairiporã Arujá Santa Isabel
V - Franco da Rocha	VI - Osasco	VII - Taboão da Serra	
Francisco Morato Franco da Rocha Caieiras Cajamar	Osasco Carapicuíba Barueri Itapevi Jandira Santana de Parnaíba Pirapora do Bom Jesus	Embu Taboão da Serra Cotia Itapeverica da Serra Embu-Guaçu Vargem Grande Paulista Juquitiba São Lourenço da Serra	

Fonte: Elaboração própria

3. A regionalização aqui proposta segue, em linhas gerais, os grandes eixos rodoviários partindo da cidade de São Paulo. Estes foram anunciados no Plano Rodoviário Penteado, aprovado no governo Washington Luiz, em 1922, cujo lema era “governar é abrir estradas”. Aquele plano era simbolizado pela mão. Colocando-se a mão aberta sobre o mapa do Brasil, a palma representando o município de São Paulo, o braço a ligação São Paulo-Santos, o polegar a ligação São Paulo-Curitiba, o indicador São Paulo-Mato Grosso, o médio São Paulo-Goiás, o anelar São Paulo-Minas Gerais e o mínimo São Paulo-Rio de Janeiro (Netto, 1944 e Diniz, 1987).

MAPA 1

Regionalização da RMSP: municípios que compõem as sub-regiões



Fonte: Elaboração própria

2.2 - Evolução populacional e desempenho econômico das sub-regiões (1970-2000)

Entre 1970 e 2000, a RMSP teve sua população mais que dobrada, subindo de 8,1 para 17,9 milhões de habitantes, com taxas elevadas na década de 1970 e posteriormente mais reduzidas. No entanto, considerado o tamanho da base, mesmo que continue havendo redução da taxa de crescimento, estima-se que no final da década de 2010 a população da RMSP venha alcançar ou superar os 20 milhões de habitantes, além da crescente conurbação com as regiões de Campinas, São José dos Campos e Sorocaba.

Por outro lado, a expansão demográfica se faz de forma diferenciada, com redução da taxa no município de São Paulo e nos municípios mais próximos e taxas elevadas nas demais sub-regiões (tabela 3). Este é um fenômeno normal em expansões demográficas de grandes aglomerações. O aumento da densidade nas regiões centrais e, conseqüentemente, a elevação da renda urbana, pelo incremento dos preços dos terrenos, dos aluguéis e dos custos decorrentes da congestão urbana,

TABELA 3

RMSP: População e taxa anual de crescimento (1970-2000)

Sub-região	População (mil hab.)				Taxa
	1970	%	2000	%	
São Paulo	5.925	72,8	10.434	58,4	1,9
ABC	989	12,1	2.355	13,2	2,9
Moji das Cruzes	312	3,8	1.131	6,3	4,3
Guarulhos	283	3,5	1.236	6,9	4,9
Franco da Rocha	73	0,9	364	2,0	5,3
Osasco	425	5,2	1.547	8,7	4,3
Taboão da Serra	133	1,6	812	4,5	6,0
Total RMSP	8140	100,0	17.879	100,0	2,6
Brasil	93.135	-	169.799	-	2,0

Fonte: IBGE. Censo Demográfico, 1970 e 2000

provocam o movimento de desconcentração relativa, como está proposto na maioria dos modelos clássicos de localização urbana de filiação vanthuniana (LEME, 1981), como vem ocorrendo na RMSP.

Entre 1970 e 2000, a participação do município de São Paulo na população da RMSP caiu de 73% para 58% e na ocupação, apurada pelos Censos Demográficos, de 76% para 61% (tabela 3 e IBGE, 1970 e 2000).

A expansão demográfica nas sub-regiões fora do município de São Paulo foi conjugada com a desconcentração relativa da indústria dentro da RMSP. Esse fenômeno foi o resultado da conjugação dos limites físicos e da elevação dos custos relativos da expansão industrial dentro do município de São Paulo e das possibilidades de crescimento industrial nas demais sub-regiões, onde os custos eram menores, especialmente com a melhoria da infra-estrutura. Assim, foi confirmada a tendência de alargamento da área metropolitana de São Paulo através de um processo de sub-urbanização, dos anunciados efeitos do crescimento populacional, da melhoria da infra-estrutura e da desconcentração relativa da indústria dentro da região.

Por outro lado, as mudanças estruturais da economia brasileira e da própria RMSP têm ampliado a importância do município de São Paulo como centro de serviços e de negócios, alterando assim suas funções.

Até a década de 1970, o crescimento econômico foi guiado pelo setor industrial. No entanto, entre 1980 e 2000, o peso da indústria de transformação na ocupação caiu de 38% para 20% (tabela 4), demonstrando um rápido processo de transformação e reestruturação produtiva que se generalizou para todas as sub-regiões. Isto aconteceu principalmente no município de São Paulo, que teve queda de 34% para 17%, e na sub-região do ABC, que teve queda de 53% para 29%. Essa mudança decorreu tanto da perda da importância relativa da indústria da RMSP na produção industrial do país quanto da reestruturação decorrente dos novos padrões tecnológicos e organizacionais, com o aumento da produtividade e a transferência de muitas atividades para o setor terciário.

A queda relativa na produção industrial foi compensada pelo crescimento dos serviços. Além da concentração do setor financeiro e dos serviços à produção, a análise do crescimento do setor de

serviços deve considerar duas outras dimensões. A primeira diz respeito às transformações estruturais em curso, com o aumento da importância do setor de serviços, de forma semelhante ao processo que vem ocorrendo nos países mais desenvolvidos (Daniels, 1993; Marshall e Wood, 1995; Azzoni, 2001). A segunda se refere às condições estruturais da economia brasileira, com o aumento da informalidade e da precarização das relações de trabalho. Neste caso, o setor de serviços foi o que melhor se adequou ao sub-emprego e à informalidade.

TABELA 4

RMSP: mudanças estruturais da ocupação (1980 e 2000)

Setor/ Ocupação	Município de São Paulo		Resto da RMSP		Total RMSP	
	1980	2000	1980	2000	1980	2000
Indústria de Transformação (em %)	34,2	16,7	45,3	24,4	37,5	19,7
Outros Setores (em %)	65,8	83,3	54,7	75,6	62,5	80,3
Ocupação Total	3.714.361	4.245.395	1.590.493	2.728.759	5.304.854	6.974.154

Fonte: Elaboração própria a partir dos microdados do Censo Demográfico de 1970 e 2000

3. DESINDUSTRIALIZAÇÃO OU REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA?

A perda de posição relativa da RMSP na produção industrial do país, ocorrida a partir da década de 1970, e a drástica queda no emprego industrial, a partir dos anos de 1980, levaram alguns setores da academia, alguns órgãos do governo e a imprensa a indicar a existência de um processo de desindustrialização da RMSP, nos moldes do que ocorrera no nordeste dos Estados Unidos e no noroeste da Inglaterra em décadas anteriores. No entanto, o que se entende para o ocorrido na RMSP é mais complexo, não se podendo reduzir aos casos clássicos de desindustrialização.

O que se deve levar em consideração é que, na década de 1970, o crescimento econômico foi liderado pela indústria pesada, especialmente, bens de capital e duráveis de consumo. Isto reforçou o peso das indústrias metal-mecânicas e química, havendo uma generalizada expansão no emprego industrial em todas as sub-regiões da RMSP, o qual subiu de 1 para 2 milhões na década (tabela 5).

Na década de 1980, a crise e a instabilidade provocariam a queda no emprego na maioria dos setores industriais, especialmente no automotivo, o qual perdeu 179 mil postos de trabalho, ou seja, 63% da ocupação do início da década, afetando mais precisamente os municípios de São Paulo e do ABC. No entanto, no total, a perda de emprego industrial da RMSP na década de 1980 foi equivalente a 6,6% da ocupação registrada no início do período, compatível com a recessão da economia nacional (tabela 5).

Na década de 1990, houve mudança na natureza da crise e da reestruturação. O emprego industrial formal caiu 26% para o conjunto da RMSP, sendo que a queda para o município de São

TABELA 5
RMSP: evolução da ocupação na indústria de transformação, 1970-2000

Sub-região	1970 Total	1980 Total	1991 Total	2000 Total	Em mil pessoas	
					1980-1970 Δ Absoluta	2000-1980 Δ Absoluta
São Paulo	719	1.271	1.056	709	552	-562
ABC	174	354	339	256	179	-98
Moji das Cruzes	29	71	100	91	41	20
Guarulhos	35	103	124	114	68	12
Franco da Rocha	6	19	30	30	13	11
Osasco	52	132	147	123	80	-9
Taboão da Serra	10	41	62	52	32	11
Total RMSP	1.026	1.991	1.859	1.376	965	-615

Fonte: Censos Demográficos, 1970, 1980, 1991 e 2000

Paulo foi de 33%, de forma semelhante à queda de participação da RMSP na renda do setor industrial (tabela 1). Entretanto, para os dados de renda total do país, a queda de participação da RMSP foi pequena. Considerando que a economia nacional cresceu na referida década, embora a taxas modestas, não houve queda absoluta, mas apenas relativa da RMSP. Além disso, a queda no emprego industrial foi compensada pelo aumento do emprego nas demais atividades, o que não acontecia nos processos identificados como de desindustrialização.

Nos casos do nordeste dos Estados Unidos e do noroeste da Inglaterra, amplamente analisados na literatura, ocorreram crises profundas na atividade industrial, com redução da produção e do emprego industriais e fechamento de muitas plantas. A crise atingiu os demais setores da economia, provocando uma queda generalizada da produção e do emprego, com redução ou encerramento de atividades, provocando fortes processos migratórios (Bluestone e Harrison, 1982; Massey e Meegan, 1982; Peet, 1983).

O caso da RMSP é distinto. Em primeiro lugar, houve queda no emprego industrial, mas não houve queda sistemática na produção. Assim, a perda foi relativa, e não absoluta, o que a diferencia dos casos americano e inglês. Por outro lado, e talvez como maior diferença, está o fato de que a queda do emprego no setor industrial não foi acompanhada pelos demais setores. Aliás, a queda do emprego na indústria foi mais que compensada pelo aumento do emprego nos setores de comércio e serviços, indicando uma forte reestruturação produtiva, e não um processo de desindustrialização como ocorrido nos Estados Unidos e na Inglaterra. Além disso, e coerente com a expansão do setor serviços, a reestruturação industrial se fez com altos ganhos de produtividade e com transferência de muitas atividades controladas e produzidas dentro da indústria para o setor de serviços, a chamada terciarização⁴. Enquanto a indústria de transformação da RMSP perdeu 572 mil empregos formais

4. É necessário explicitar a diferença entre terceirização e terciarização. Entende-se por terceirização os processos de desintegração vertical e horizontal através da sub-contratação com outras indústrias, cujo melhor exemplo é o da indústria automobilística. Neste caso, tanto o emprego quanto a produção continuam sendo contabilizados dentro do setor industrial. Terciariação é um processo semelhante, porém transferindo a sub-contratação para o setor terciário, o que no resultado final reduz o emprego e a produção contabilizados dentro do setor industrial.

entre 1985 e 2000, os demais setores ganharam 942 mil postos de trabalho, mais que compensando a perda do setor industrial. Tomados os dados dos Censos Demográficos, que incluem o universo das ocupações declaradas e, portanto, o trabalho informal, entre 1980 e 2000 observou-se um aumento de 1,7 milhão de empregos na RMSP.

A conclusão é que nessa última década houve forte reestruturação produtiva no município de São Paulo, com ganhos de produtividade, o que explicaria a alta queda no emprego sem queda no produto. Essa transformação indica uma dinâmica diferenciada no processo de reestruturação entre o município de São Paulo e o restante da RMSP.

4. NOVAS FUNÇÕES DA RMSP

4.1 - Setor financeiro, mercado de capitais e outros serviços

Além de ser o maior centro financeiro do país, nos últimos anos vem sendo ampliada a concentração dos vários segmentos do setor financeiro e do mercado de capitais na cidade de São Paulo, com a consolidação da transferência das sedes do sistema bancário e das bolsas de valores para a cidade. Para o ano de 2000, segundo o Banco Central, a RMSP participou com 44% dos depósitos e com 41% das aplicações do sistema bancário brasileiro, sendo 35% na cidade de São Paulo. Esses dados confirmam a preponderância absoluta dessa cidade como centro financeiro do país. Comparativamente, as cidades do Rio de Janeiro e de Brasília, respectivamente, antigo centro financeiro do país e atual sede do Banco Central do Brasil e dos bancos oficiais (Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal), participaram cada uma com 9% dos depósitos e 7% das aplicações naquele ano. Essa constatação é também coerente com o processo de privatização e desnacionalização do sistema bancário brasileiro e sua concentração em São Paulo. Entre 1995 e 2001, a participação dos bancos estrangeiros nos ativos da rede bancária brasileira subiu de 8% para 30% e a do valor das operações

de crédito de 6% para 32% (Cintra e Correa, 2003)⁵. Ao mesmo tempo, a maioria das bolsas de valores regionais foi fechada ou desativada, concentrando na Bovespa praticamente todo o mercado acionário nacional. Também estão concentradas em São Paulo as bolsas de mercadorias e futuros.

Adicionalmente, nesta cidade estão também concentradas as sedes dos grandes grupos empresariais nacionais e estrangeiros que atuam no país, os grandes escritórios de advocacia, auditoria, engenharia, consultoria econômica, informática, empresas aéreas, órgãos da imprensa escrita e falada e comércio internacional. A participação do Estado de São Paulo no comércio internacional brasileiro (importações mais exportações), que era de 40% em 1990, subiu para 44% em 2002.

E como decorrência da grande concentração populacional e de renda e do grande fluxo de pessoas, desenvolve-se também uma grande concentração de serviços educacionais, médicos, de hotelaria, restaurantes, lazer e diversão, formando um aglomerado que se auto-alimenta e se automultiplica.

Assim, São Paulo reforça sua posição como o grande centro financeiro e de serviços, alterando suas funções e, ao mesmo tempo, reforçando sua capacidade de comando sobre a economia brasileira e de principal centro de articulação do país com a comunidade internacional. O aumento da integração internacional reforça o papel de São Paulo e de suas áreas vizinhas como centro de negócios, com a correspondente demanda de serviços, fluxo e controle de investimentos estrangeiros e de comércio internacional, na linha da concepção de cidade mundial, nos termos formulados por Friedmann e Wolf (1982) e por Sassen (1991)⁶.

Isso ocorre dentro do quadro de grandes transformações internacionais cujo processo de globalização vêm alterando as funções das grandes metrópoles. O processo de globalização traz com ele duas faces contraditórias. Por um lado, integra os mercados mundiais e, por outro, reforça a concentração, retomando

5. Ver Cintra e Correa neste livro.

6. Na América Latina, esse processo vem reforçando o papel de São Paulo, Buenos Aires, Santiago do Chile e Cidade do México como centros nacionais e internacionais de negócios e serviços (Markusen e Diniz, 2003).

os clássicos processos de polarização nas áreas ou regiões mais desenvolvidas, como proposto por Myrdal (1957) e Hirschman (1958) e, mais recentemente, pela retomada da concepção de retornos crescentes (Krugman, 1993). Assim, a cidade de São Paulo perde importância relativa como centro de produção industrial, mas amplia seu papel como grande centro financeiro e de serviços.

A reversão da polarização econômica, como proposta por Richardson (1980) e documentada no Brasil por Townroe and Keen (1984) e por Diniz (1993), deve ser requalificada.

4.2 - São Paulo: serviços e a sociedade do conhecimento

As transformações nas estruturas produtivas, nos processos de trabalho e na comercialização de bens e serviços ampliaram a complementaridade entre atividades e setores, tornando difícil a manutenção da clássica divisão setorial entre primário, secundário e terciário ou mesmo da divisão entre indústria e serviços. O que se observa é a crescente importância dos serviços modernos, intensivos em conhecimento e tecnologia. Estes vêm ampliando seus mercados, especialmente pela possibilidade de armazenamento e transporte a longas distâncias, permitidas pelo avanço das tecnologias da informação e das telecomunicações, e alterando os requisitos locais para uma gama de novas atividades e serviços. Estes aspectos modificam o conjunto de forças e atributos locais, aumentando a importância das externalidades urbanas e, portanto, da concentração.

Na medida em que o conhecimento se generaliza e se torna ubíquo, acelera-se a busca de novo conhecimento. A capacidade de gerar conhecimento se transforma no maior fator local e na maior “arma” da competição (Maskel, 1999). A dimensão do mercado de trabalho, a exigência de melhor qualificação, a infra-estrutura de ciência e tecnologia, refletida através de instituições de ensino e pesquisa, a disponibilidade de infra-estrutura adequada, especialmente aeroportos com linhas regulares para o resto do país e para o exterior, as atividades de suporte à produção e a infra-estrutura de transportes terrestres passam a exercer forte efeito sobre as decisões locais na medida em que elas criam externalidades econômicas e sócio-culturais.

Assim sendo, a cidade de São Paulo e suas regiões próximas, especialmente Campinas e São José dos Campos, alteram e reforçam suas posições e suas funções no contexto da economia nacional e internacional. Além de continuarem sendo as maiores concentrações populacionais, industriais e econômicas do país, elas passam a assumir novas funções, atraindo um conjunto de atividades modernas e de serviços para a região. Neste sentido, Tinoco (2002 e 2003), dando seqüência a trabalhos anteriores, analisa o papel das economias de aglomeração na dinâmica econômica e industrial da RMSP.

O autor resgata as idéias de externalidades de conhecimento, proposto por Glaeser, et al. (1992), e das externalidades advindas da densidade urbana, proposta por Jane Jacobs, e dos conceitos de proximidade geográfica e organizacional dos “agentes situados” para explicar a dinâmica diferenciada das regiões. Acrescente-se ainda que essas condições devem ser também relacionadas com a escala (tamanho) e com a qualidade da estrutura urbana, na linha proposta por Henderson (1974) ou da hierarquia de lugares centrais, na formulação de Christaller (1966[1940]). Adicionalmente, deve-se considerar que nesses espaços se geram externalidades implícitas, baseadas em conhecimentos não codificáveis, no contato face a face e nas interdependências não comercializáveis (Storper e Venables, 2001).

Conclui-se então que a RMSP e suas extensões para Campinas e para São José dos Campos constituem as regiões com maior capacidade de suporte a inovação nos setores de maior dependência da base urbana (urbano-dependentes) no Brasil, como indicam as análises de Tinoco (2002), Diniz e Razavi (1999) e Diniz e Gonçalves (2001). E a análise da dinâmica econômica e das transformações estruturais da RMSP deve ser ampliada, considerando-se a complementaridade com as áreas próximas, as quais complementam e ampliam o papel da RMSP como grande centro econômico do país.

5. A “RMSP AMPLIADA”

A área por nós considerada como “RMSP Ampliada” (RMSPA) é constituída pela RMSP e pelas microrregiões de Campinas, São José dos Campos, Jundiaí, Sorocaba e Santos, contida num raio

de 100 km a partir do centro de São Paulo, com uma população de 24 milhões de habitantes, em 2000 (tabela 6 e mapa 2), e que respondia por cerca de 85% da ocupação, por 90% do valor agregado da indústria e por 84% do PIB do Estado de São Paulo, o que equivale a cerca de 40% da produção industrial e a um terço do PIB do país (Lencioni, 2003)⁷.

TABELA 6
RMSPA: população e emprego total (2000)

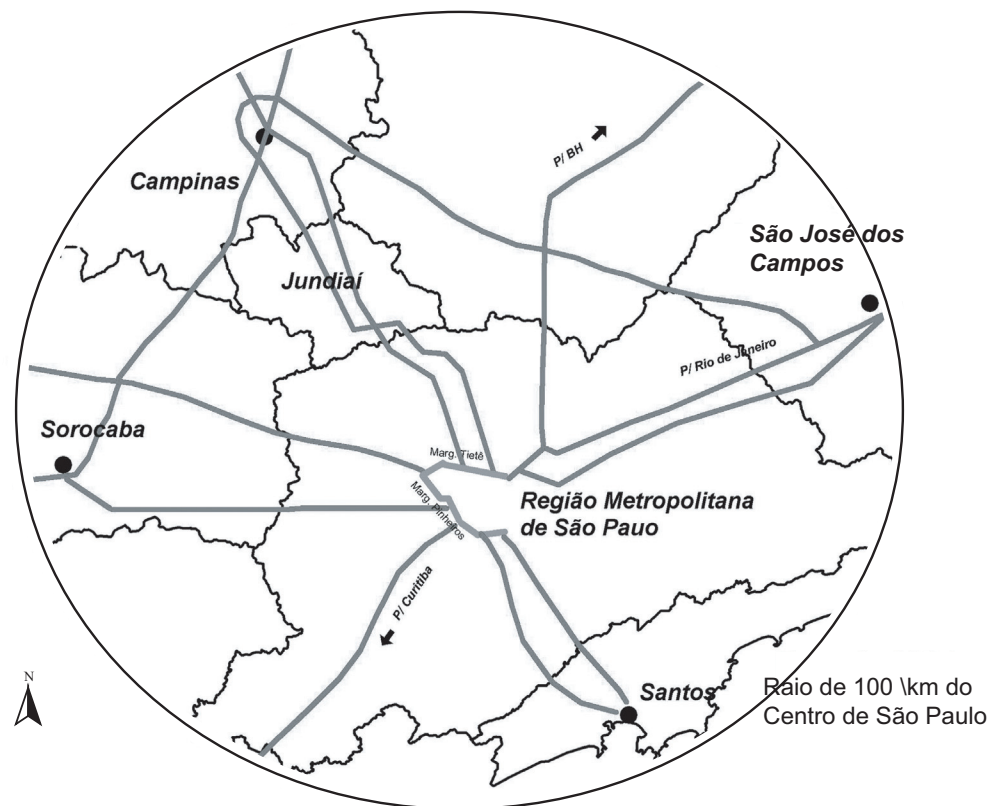
Região	População	Emprego Formal	
		Total	Δ 1985-2000
Campinas	2.210	489	140
Jundiaí	530	111	27
Sao José dos Campos	1.220	233	52
Sorocaba	1.117	201	45
Santos	1.318	225	18
RMSP	17.879	4.631	370
Total RMSP Ampliada	24.273	5.889	652
Estado de São Paulo	36.969	8.050	1.294
Brasil	169.799	26.229	5.736

Fonte: IBGE, 2000 e MTE/RAIS, 1985 e 2000

7. Discordamos da proposição da formação de uma cidade região mundial através da integração das regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, como está proposto em Rezende e Lima (1999) e Tolosa (2002), pela distância entre essas regiões metropolitanas (400 km), pela deficiência do sistema de transporte e, conseqüentemente, pela impossibilidade de comutação diária de grandes contingentes populacionais por via terrestre.

MAPA 2

A Região Metropolitana de São Paulo Ampliada e os Principais Eixos Viários*



*Mapa esquemático.

Ao contrário dos demais municípios que compõem a RMSP, à exceção do município de São Paulo, os municípios de Campinas e São José dos Campos possuem uma das mais avançadas infra-estruturas de ciência e tecnologia do país. Além de importantes universidades (UNICAMP e ITA, entre outras), elas possuem um conjunto de instituições de pesquisa (CPqD, LNLS, IAC, CTA), amplo mercado de trabalho especializado, infra-estrutura física, inclusive com o Aeroporto Internacional de Viracopos, em Campinas. Possuem também importante base industrial, com grande presença de empresas multinacionais e brasileiras intensivas em tecnologia, a exemplo da Embraer, em São José dos Campos, IBM, Compaq, Rhodia, em Campinas, entre outras (Diniz and Razavi, 1999). Estas regiões possuem, portanto, melhores condições para o desenvolvimento industrial e dos serviços nos segmentos tecnologicamente mais complexos e sofisticados. Assim sendo, elas vêm formando, juntamente com São Paulo, uma grande região, configurando um novo padrão e novas funções no contexto da economia brasileira e internacional⁸.

Considerando os investimentos programados em 37 atividades privadas para o período 1995-2000, o volume de investimentos chega a US\$ 33 bilhões para a RMSP⁹, US\$ 16 bilhões para a região de Campinas e US\$ 11 bilhões para a região de São José dos Campos, perfazendo um total de US\$ 59 bilhões, dos quais aproximadamente 50% no setor de serviços (Tolosa, 2002). A título de comparação, este levantamento indica investimentos programados de US\$ 9 bilhões para o Vale do Paraíba fluminense e para área metropolitana do Rio de Janeiro. Esses números indicam, portanto, a força polarizadora de São Paulo e de suas regiões próximas.

Em adição à massa de investimentos privados, atualmente está sendo construída em São Paulo a maior obra de infra-estrutura do país: o anel rodoviário de São Paulo (Rodoanel), com extensão

8. Essa região forma o que alguns autores têm denominado cidade-região de São Paulo. No entanto, considerada a controvérsia teórica que se estabeleceu sobre o conceito de cidade região, preferimos simplesmente denominá-la de Região Metropolitana de São Paulo Ampliada (RMSPA).

9. Segundo Comin *et al* (2003), deste total US\$28 bilhões estariam no município de São Paulo.

aproximada de 200 km e investimento estimado em US\$ 5 bilhões. Esse anel corta os grandes eixos viários que saem da cidade de São Paulo, facilitando a integração direta entre Santos, Sorocaba, Campinas e São José dos Campos. Ele tem, no entanto, um efeito paradoxal. Ao resolver os problemas de tráfego e congestionamento no município de São Paulo, o anel contribuirá para reforçar a mega-concentração populacional e econômica nesta macro-região.

Em síntese, uma mega-aglomeração populacional, industrial e de serviços está sendo constituída mediante a integração da RMSP com as regiões de Campinas, Jundiaí, São José dos Campos, Sorocaba e Santos. Ela é dotada de serviços modernos e da maior capacidade de inovação do país, reforçando sua capacidade de polarização sobre a economia nacional, sul-americana e mesmo mundial.

6. CONCLUSÕES

Nas últimas décadas, os processos de desconcentração relativa da indústria e o crescimento econômico regional fortaleceram o peso da rede de metrópoles brasileira e de um conjunto de cidades médias.

No entanto, apesar da perda de parcela da produção industrial para outras regiões, a RMSP, em especial a cidade de São Paulo, manteve e ampliou seu papel como centro financeiro e de negócios. Assim, podemos afirmar que São Paulo fortaleceu seu papel como centro de comando da economia nacional, concentrando parcela significativa dos serviços especializados e a sede das principais empresas nacionais e multinacionais situadas no país.

Por outro lado, a perda não foi uniforme para toda a RMSP nem para todo o período. Assim, o primeiro elemento para se aprofundar na análise das transformações produtivas e estruturais é a sub-regionalização da RMSP, o que foi feito caracterizando-se sete sub-regiões. A partir dessa regionalização, observou-se que na primeira fase o município de São Paulo sozinho perdeu cerca de 500 mil empregos ou 40% da força de trabalho anteriormente ocupada. Enquanto isso algumas das outras sub-regiões tiveram seu emprego ampliado em função do processo de sub-urbanização, o qual está relacionado com

o aumento dos custos e com o esgotamento relativo de áreas no município de São Paulo e também com a melhoria da infra-estrutura nas demais sub-regiões. Na segunda fase, ou seja, na década de 1990, o município de São Paulo continuou perdendo emprego industrial, porém estabilizou seu nível de produção industrial. Isto porque as mudanças tecnológicas e organizacionais provocaram um profundo e rápido processo de reestruturação, com aumento de produtividade e mudanças estruturais. Em função disso, houve crescimento da ocupação nos setores de serviços à produção, financeiro, de educação, consultoria e outros serviços especializados, compensando a perda da ocupação industrial. Assim, houve reestruturação, porém não desindustrialização, como ocorrido no nordeste dos Estados Unidos e no noroeste da Inglaterra, onde a queda do emprego e da produção industrial foi seguida pela queda das atividades dos demais setores, pelo aumento do desemprego e pelos fortes processos migratórios.

A luz das transformações internacionais, derivadas do processo de globalização e das mudanças internas decorrentes da abertura da economia, do processo de privatização e do crescimento dos serviços, São Paulo tem ampliado cada vez mais seu papel como grande centro financeiro, de capitais e de mercadorias, se tornando um centro avançado na produção e no suprimento de serviços à produção, assumindo posição de uma cidade mundial, no contexto da reconfiguração do capitalismo.

Nesse sentido, a RMSP está sendo ampliada através da integração com as áreas urbanas e industriais próximas (Campinas, Jundiaí, São José dos Campos, Sorocaba e Santos). Esta região está contida dentro de um raio de menos de 100 km em todas as direções (a partir do centro da cidade de São Paulo), possui população de 24 milhões de habitantes, boa infra-estrutura, complementaridade produtiva e comutação diária de um grande contingente de pessoas. Ela possui também a melhor infra-estrutura de ciência e tecnologia do país, com grandes universidades, instituições de pesquisa, mercado de trabalho profissional especializado e, portanto, condições de atrair os maiores investimentos em atividades de maior intensidade de conhecimento.

Paradoxalmente, a construção do Rodoanel de São Paulo, feito com o objetivo de resolver os problemas de tráfego na cidade, tenderá a reforçar a concentração regional no Brasil, dificultando a redução das desigualdades regionais no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, T. A. e SERRA, R. V. O recente desempenho das cidades médias no crescimento populacional urbano brasileiro. IPEA. Texto para discussão, n. 554, Brasília, 1998.
- AZZONI, C. R. *Indústria e reversão da polarização no Brasil*. IPE-USP: São Paulo, 1986.
- _____. "Setor Terciário e Concentração Regional no Brasil". In: *Seminário Economia e Espaço*: Cedeplar, Ouro Preto, dezembro de 2001.
- BERGER, S.; et. al. "Toward a new industrial America". In: *Scientific America*, Vol. 260 No. 6, June 1989.
- BLUESTONE, B. and HARRISON, B. *The desindustrialization of America: plant closing, community abandonment and dismantling of basic industry*. Basic Book: New York, 1982.
- CANO, W. Raízes da concentração industrial em São Paulo. *Difel: São Paulo*, 1977.
- CHRISTALLER, W. *Central places in southern Germany*. New Jersey: Englewood Cliffs, [1940 (1966)].
- CINTRA, M. A. M. e CORREA, R. "O complexo financeiro: um caso de concentração no município e relativo esvaziamento no centro?". *Estratégias de desenvolvimento para a área central do município de São Paulo*. São Paulo: Cebrap/Emurb/CEM, 2003 (mimeo). Versão reduzida neste livro.
- COMIN, A. et al. *Estratégias de desenvolvimento econômico para a área central do município de São Paulo. Diagnóstico da situação atual (1º relatório)*. São Paulo: Cebrap/Emurb/CEM. 2002 (mimeo).
- DANIELS, P. W. *Service Industries in the World Economy*. Oxford, Blackwell, 1993.
- DICKINSON, R.E. *The city region in Western Europe*. London, Routledge, 1967.
- DINIZ, C. C. "A nova configuração urbano industrial no Brasil". In: KON, A. (org.) *Unidade e Fragmentação: a questão regional no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 2002. _____ "Desenvolvimento poligonal no Brasil: nem desconcentração nem contínua polarização". In: *Revista Nova Economia*. V. 3, n. 1, Belo Horizonte, 1993.
- _____. *Capitalismo, recursos naturais e espaço*. Tese de Doutorado. UNICAMP: Campinas, 1987.
- _____ e CROCCO, M. A. *Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira*. In: *Revista Nova Economia*. Belo Horizonte, v. 6, n. 1, julho 1996

_____ e GONÇALVES, E. "Possibilidades e tendência locacional da indústria do conhecimento no Brasil". In: *XXVIII Encontro Nacional de Economia*, Anais da ANPEC. Campinas: ANPEC, 2000.

_____ and RAZAVI, M. "São José dos Campos and Campinas: state-anchored dynamos". In: MARKUSEN, A., LEE, Y. S., DIGIOVANNA, S. (ed.). *Second tier cities: rapid growth beyond the metropolis*. London: University of Minnesota Press, 1999. P 97-126.

FRIEDMANN, J. and WOLF, G. "World city formation: an agenda for research and action". In: *International Journal of Urban and Regional Research*, n. 6, 1982.

GLAESER, E. L., et al. "Growth in Cities". In: *Journal of Political Economy*, 100 (6): 1126-1152, 1992.

HENDERSON, J. V. "The sizes and types of cities". In: *American Economic Review*, v.64 n.4, p. 640-656, 1974.

HIRSCHMAN, A. *The strategy of economic development*. Yale University: New Haven, 1958.

KRUGMAN, P. *Geography and trade*. Leuven, Belgium, Leuven UP and Cambridge, The MIT Press, 1993.

LEME, R. *Contribuições à teoria da localização industrial*. FEPE/USP: São Paulo, 1981.

LENCIONI, S. "A emergência de um novo fato urbano de caráter metropolitano em São Paulo. A particularidade de seu conteúdo sócio-espacial, seus limites regionais e sua interpretação teórica". In: *Anais do X Encontro da ANPUR*, Belo Horizonte, 2003.

MARKUSEN, A. "Mudança econômica regional segundo o enfoque centrado no ator". In: *Seminário Economia e Espaço*: Cedeplar, Ouro Preto, dezembro de 2001.

MARKUSEN, A. e DINIZ, C. C. "The Differential Competitiveness of Latin American Regions: Opportunities and Constrains". *For Presentation at the Conference on Global and Local*, IDB, Milan, March, 2003.

MARSHALL, N. and WOOD, P. A. *Services and Space: key aspects of urban and regional development*. London, Longman, 1995.

MASKEL, P. "Globalisation and industrial competitiveness: the process and consequences of ubiquification". In: MALECKI, E; OINAS, P. *Making Connections, Technological learning and regional economic change*. Aldershot, Ashgate, 1999.

MASSEY, D. & MEEGAN, R. *The anatomy of job loss. The how, why and where of employment decline*. Methuen: London, 1982.

MYRDAL, G. *Economic theory and undevelopment regions*. Gerald Duckworth: London, 1957.

- NETTO, A. R. "O plano rodoviário de São Paulo: sua evolução em cinco ciclos". In: *Revista a Rodovia*. Outubro/Novembro de 1944.
- PACHECO, C. A. *Novos padrões de localização industrial: tendências recentes dos indicadores da produção e do investimento industrial*. Mimeo, 1998.
- PEET, R. "Relations of production and relocation of United States manufacturing industry since 1960". *Economic geography*. v. 59, n.2, 1983.
- REZENDE, F. e LIMA, R. (org.). *Rio-São Paulo Cidades Mundiais – Desafios e oportunidades*. Brasília, IPEA, 1999.
- RICHARDSON, H. W. "Polarization reversal in developing countries". In: *Papers of The Regional Science Association*. Vol. 45, 1980.
- SASSEN, S. *The Global City: New York, London, Tokyo*. Princeton University Press, 1991.
- SCOOT, J.A. et al. "Global City-Regions". In: *Global City-Regions: Trends Theory. Policy*, Oxford, Oxford UP, 2001.
- STORPER, M; VENABLES, A. J. "O burburinho: a força econômica da cidade". In: *Seminário Economia e Espaço*: Cedeplar: Ouro Preto, dezembro de 2001.
- TOLOSA, H. C. "The Rio/São Paulo Extended Metropolitan Region: a quest for global integration". In: *Paper Presented at the Conference on "The impact of Globalization on Urban Development"*, Bellgio, Italy, August, 2002.
- TINOCO, A. "A sedução metropolitana, entre a diversidade e a especialização: um olhar sobre São Paulo". In: *Anais do XXIX Encontro Nacional de Economia*, Nova Friburgo, 2002.
- _____. "Das economias de aglomeração às externalidades dinâmicas de conhecimento: por uma releitura de São Paulo". In: *Anais do X Encontro da ANPUR*, Belo Horizonte, 2003.
- TOWNRDE, P. M; KEEN, D. "Polarization reversal in the State of São Paulo". In: *Regional Studies*, Vol. 18, 1984.